



**Encontro de  
Literatura  
Osmaniana**



# **NÚMEROS E NOMES: O JÚBILO DE ESCREVER**

**Caderno de Resumos**

**Organização:**

**Elizabeth Hazin**

**Francismar Ramírez Barreto**

**Maria Aracy Bonfim**



**CADERNO DE RESUMOS**  
**DO**  
**III ENCONTRO DE LITERATURA**  
**OSMANIANA**



**NÚMEROS**  
**E NOMES:**  
**O JÚBILO DE ESCREVER**

**ORGANIZAÇÃO**

ELIZABETH HAZIN  
FRANCISMAR RAMÍREZ BARRETO  
MARIA ARACY BONFIM

**ISBN**

978-85-66342-16-1

**BRASÍLIA**  
**2016**

**P**

rimeiro veio o pássaro (ou a palavra?) feito de ar, de nada, através do qual se viu um quarto (ou era um quadro?), talvez a porta que se abriu para a cidade enluarada onde um circo. Era Goiana? Era Vitória? Na confusão, vieram a noite e o cansaço (ou era o amor?) e veio o dia, que redonda é a terra, o sol é redondo e, sem pena, cresta o Nordeste, terra de miséria e de mistérios, que se reparte em três caminhos que são um só e dá num pasto verde onde há cipó, vestidos no varal ou: na sala de onde escorrem sonhos e besouros ou: na praia lavada de mar, pois que tudo é vida (ou narrativa?) e recomeça. Cinquenta anos, para de novo o nove, para que se renove o todo, para que se inove o hino que é sempre o mesmo. Cinquenta anos depois e nove cantigas (nove poemas, nove cirandas, nove novenas) nos rodeiam e brilham, penetradas no silêncio com que ficamos sós (sem elas).

Brasília, 17 de maio de 2016

Elizabeth Hazin

Francismar Ramirez Barreto

Maria Aracy Bonfim



## EIXO TEMÁTICO

### NOVELO, NOVELA: O RIGOROSO ENLACE DA URDIDURA

#### DESAPARECIDOS E LEMBRADOS

**Andrea dos Reis Collaço**

Universidade de Brasília. Mestre.

**M**emória, História, Fotografia: investigação sobre a relação entre a narrativa “Perdidos e Achados”, de *Nove, Novena*, e as vítimas da ditadura militar brasileira. Reflexão sobre a reconstrução da memória dos desaparecidos a partir de seus objetos, das histórias que sobre eles se contam e do vazio eloquente de sua ausência.

#### MÚSICA DE CÂMARA: NENHUM PASSO, VOZ ALGUMA (LEITURA DE “UM PONTO NO CÍRCULO”, DE OSMAN LINS)

**Elizabeth Hazin**

Universidade de Brasília

**O** trabalho que ora se anuncia pretende – tomando como base “Um Ponto no Círculo” – percorrer sobre três temas que a meu ver aí se colocam como fundadores dessa narrativa: a questão dialógica, o espaço do quarto e a música (considerando o título original a ela concedido pelo autor: “Duo para trompa e oboé”). O primeiro tema lançará mão de texto de Blanchot, sobre a surpresa que pode provocar no leitor diálogo que o ponha diante de um acontecimento incomum; o segundo se estenderá a partir de estudo de Perrot sobre a história dos quartos e de sua intimidade e, finalmente, o terceiro, ganhará força de um dos capítulos de Suzanne Langer em *Sentimento e Forma*, que considera a música como imagem do tempo subjetivo. Acredito, dessa maneira, ser capaz de trazer à tona uma versão renovada do que já se escreveu a propósito dessa segunda narrativa de *Nove, Novena*, do escritor pernambucano Osman Lins.

## SOB O SIGNO DA CORROSÃO: O UNIVERSO HOSTIL DE “PASTORAL”

**Francismar Ramírez Barreto**

Universidade de Brasília. Pesquisadora

**D**e ficção bucólica, “Pastoral” tem apenas a referência. A sétima das narrativas de *Nove, Novena* (1966), de Osman Lins, é um idílio às avessas: os amores não são tenros nem delicados, o campo não é valorizado de modo positivo, a natureza não é o âmbito ideal para uma vida sábia (como pensavam os epicuristas), nem ficam evidentes as vantagens da vida afastada do mundo urbano (como pensavam os estóicos). Tendo em mente que o significado inicial da palavra idílio era pequena tela ou cena (acepção distante da romântica), pode-se dizer que o escritor pernambucano subverte os traços característicos da literatura pastoral para recriar a humanidade brasileira da década de 1960. Ao invés de celebrar as bondades do meio rural, o autor esboça uma crítica à rígida dinâmica familiar do Nordeste. Predominantemente narrativa do ponto de vista formal, a história de Lins se vale de metáforas que remetem à imagem da corrosão. O protagonista, a meio caminho entre a infância e a adolescência, é o herdeiro de um ódio que lhe ultrapassa. A partir dessa aversão tecem-se as relações entre os integrantes de seu núcleo familiar, onde a hostilidade, o desgaste e a malquerença são mais comuns que o verdor dos pastos.

#### NOVE, NOVENA NO CONTEXTO DA OBRA INFINDA DE OSMAN LINS

**Graciela Cariello**

Universidad Nacional de Rosario- Argentina

**O** presente ensaio considera o livro *Nove, Novena*, de Osman Lins, como um elo da corrente que a obra desse autor configura. Corrente que pode ser pensada como um conjunto completo e, ao mesmo tempo, uma sucessão de obras cada uma completa em si. Para se verificar essa hipótese de trabalho, divido o estudo em quatro partes. Na primeira, “Sobre marcos e divisões”, faço referência a alguns dos estudos mais significativos sobre a possível divisão da obra completa do autor. Proponho uma resignificação do critério de marco, que muitos atribuem a *Nove, Novena*, para pensar que hoje, lendo o conjunto da obra osmaniana, cada texto vira marco, pois existe uma continuidade e, também, uma metamorfose de um para outro. Na segunda parte, “A impregnação dos gêneros”, abordo a problemática do gênero literário na obra osmaniana, na hipótese, precisamente, da “impregnação”. Sustento que as obras todas manifestam traços inovadores que se atualizam atravessando os limites dos gêneros. Há, no entanto, em *Nove, Novena*, uma intensificação dessa impregnação, que irá se acentuando em obras posteriores. Destaco, em todas, a forte matriz narrativa e analiso, no conjunto das novelas do livro em questão, a presença de outros gêneros. Existem casos de subversão do gênero, e é também forte a presença do gênero ensaio. Faço algumas observações quanto às passagens genéricas entre textos, notadamente entre *Os gestos* e *Nove, Novena*, em que é patente o processo de metamorfose. Na terceira parte, “Pelo mundo afora: traduções e críticas”, coloco a ênfase na fortuna crítica e nas traduções do livro, dado ter



sido um momento de grande transcendência na produção osmaniana. Relaciono as diferentes traduções de que tenho notícia, e destaco duas críticas, pelo caráter semelhante entre si e diferente das outras: a do argentino-francês Héctor Bianciotti e a do germano-brasileiro Anatol Rosenfeld. Na quarta e última parte, “Números e nomes”, exponho algumas reflexões sobre o título. Por uma parte, analiso e interpreto a presença dos “n” e suas evocações semânticas tanto em português, quanto, para nós hispano-falantes, em espanhol. Por outra, focalizo o número nove, e suas ressonâncias dantescas (os nove círculos do Inferno, e *Vita Nova*) que nos levam do nove ao novo.

## O PÁSSARO E O TEMPO

**João Vianney Cavalcanti Nuto**

Universidade de Brasília

**E**m *Nove, novena*, Osman Lins inaugura seu modo aperspectivista de composição da narrativa. Já no primeiro conto, “O pássaro transparente” - como o narrador - oscila em diversos tempos e espaços de sua vida. Pode-se dizer, evocando o pensamento de Mikhail Bakhtin, que o conto funde diversos cronotopos, isto é, unidades em que, o tempo-espaço, mais que simples cenários das ações, são portadoras de sentidos e valores. Em Osman Lins, os cronotopos compõem ambientações estreitamente associadas com as caracterizações das personagens. O pássaro transparente, com sua carga simbólica associada à liberdade, à criatividade e à sinceridade, torna-se a ponte entre dois grupos de cronotopos relacionados com o protagonista em sua relação com a personagem feminina: os cronotopos do desejo e os cronotopos da frustração.

## “RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA”: UMA CONJUNÇÃO DE FORÇAS

**Leny da Silva Gomes**

Centro Universitário Ritter dos Reis

**R**etábulo de Santa Joana Carolina”, a mais longa narrativa de *Nove, Novena*, revela, em sua arquitetura, vínculos com o concreto e o abstrato, com o finito e o infinito. Um inusitado princípio poético, responsável pela construção/criação narrativa abriga conceitos de natureza, de *physis*, de Terra, mediante os quais um mundo, que não se fecha na singularidade, é representado na obra. Neste sentido, pretende-se encaminhar uma reflexão que auxilie na compreensão da abertura deste texto emblemático de Osman Lins.

## TRINCA, TRANÇA, TRAÇO OU ESTRELAS E LUAR CLAREIAM A LÂMINA DA FAÇA OU OSMAN LINS, BORGES E ALLAN POE: UMA LEITURA TRIANGULAR DE “CONTO BARROCO OU UNIDADE TRIPARTITA”

**Maria Aracy Bonfim**

Universidade Federal do Maranhão

**O** pressuposto deste ensaio, que se inicia a partir da leitura e análise da narrativa “Conto Barroco ou Unidade Tripartita”, de Osman Lins, se posiciona sobre a ideia de que a interpretação realizada por um crítico literário recolhe em todo o seu universo de leitura os elementos formativos do que virá, por sua vez, a construir sua própria teia de projeções e elaboração de um sistema “que não é o da obra, mas do crítico”, como afirma Todorov em “As categorias da narrativa literária” (2013, p. 219). Este texto de Osman Lins iluminou em minha leitura o que Jorge Luís Borges realiza no conto “El Jardín de senderos que se bifurcan” e que, por sua vez, une-se tão fortemente à ficção de Edgar Allan Poe, seus contos de mistério e a desenvoltura do que mais tarde inaugurará o gênero policial. Assim, o artigo que ora se apresenta será *triangulado* nestes três escritores, de três diferentes países e línguas, com o intuito de sondar na escrita osmaniana desta fase – de *Nove, novena* (1966) - mais essa nuance: o uso do mistério como ingrediente narrativo.

## NEM SEI MAIS QUEM SOU

**Michel Peterson**

McGill University. Univerdidade Federal de Rio Grande

**C**omo pensar, na narrativa “Os Confundidos”, a tensão entre a fusão absoluta entre os personagens, fusão fantasmática, que acaba com o espaço e o tempo, e a não-relação, ou seja, o sexual enquanto não-relação? Eis um questionamento que surge na ocasião do jogo entre o discurso interno das personagens e os diálogos, na confusão das vozes. Horror, inferno, piedade, são, muito mais de que impressões, sentimentos e lugares do pavor em face do Outro, mas signos do Eterno Retorno do Mesmo: eles giram e voltam ao mesmo ponto, donde nunca partiram.



## O TEMPO EM “NOIVADO” – ENTRE GUIZOS E CORRENTES

Odalice de Castro Silva  
Universidade Federal do Ceará

**E**ste exercício de leitura propõe-se a apresentar algumas considerações sobre a categoria **tempo** na estrutura narrativa de “Noivado”, da coletânea *Nove, Novena* (1966), de Osman Lins (1924-1978), utilizando-se de uma perspectiva relacional para percepção e compreensão dos planos desenvolvidos pelo autor para que se tornasse possível a encenação do último encontro entre os noivos Giselda e Mendonça. O cruzamento de temporalidades enseja a que o autor recorra à contribuição tanto da confissão, enquanto dispositivo discursivo utilizado pelos personagens, para o ajuste dos anos em decurso de noivado, quanto se aproxime de sugestões do romance, enquanto gênero literário, que ficcionaliza histórias de vida. O tema (TROUSSON, 1988, p. 7) da espera demorada, ou o do noivado longo, como na narrativa osmaniana, vale-se da energia dos velhos mitos, aponta para diferentes desfechos, dramatizando o núcleo primordial da vida em sua mais trágica condição: a do enfrentamento do tempo em seus múltiplos formatos, tanto os da celebração da alegria, os guizos, como os do pranto e do medo, as correntes. Estas são as dominantes na narrativa osmaniana para captar a mutabilidade do tempo, também observado no dispêndio com que as vidas são consumidas e desfeitas, sem que o seu maior bem seja realizado em proveito do sujeito, descobrindo que os sentimentos, inconsistentes e postergados, foram se liquefazendo de forma invisível, substituídos por signos de prisão e solidão (BAUMAN, 2004, p. 8).

## O LIMITADO DÁ FORMA AO ILIMITADO: HAHN ENTRE FRONTEIRAS

Poliana Queiroz Borges  
Universidade Federal de Goiás. Doutoranda

**E**m “Pentágono de Hahn”, o espaço é dado como referência primeira, a partir da determinação geométrica do espaço ficcional circunscrita a um pentágono. A partir do epigrama atribuído a Pitágoras, de que “o limitado dá forma ao ilimitado”, intenta-se uma análise do desdobrar de possibilidades estéticas a partir de Hahn, que com sua presença imanente, se transforma em centro propulsor de todas as ações.

## EIXO TEMÁTICO

## NOVA VISÃO DO MUNDO, NOVA VISÃO DO TEMPO

### A INCOMPLETUDE E A BUSCA DA NATUREZA EM “PASTORAL”

Ana Maria Agra  
Universidade de Brasília

**N**a contística de Osman Lins, muitas personagens estão lançadas no exercício vital, procurando o todo no percurso existencial. Em “Pastoral”, o isolamento de Baltasar impulsiona o rearranjar da psiquê como confronto na imensidão dispersa do “eu”. O real configura espelhos faltantes e perplexidade no contorno da narrativa osmaniana. O ponto de fuga e de chegada da personagem Baltasar em sua estrutura simbólica e pulsional, segundo a psicanálise freudiana e laciana, concretiza-se como uma espécie de epifenômeno do significante. Por fim, a natureza desenha a extensão do eu incompleto por meio da presentificação da fauna, da flora e da geografia da *urbis* e do campo, primordialmente. O faltante, no conto “Pastoral”, manifesta-se ao desdobrar as antinomias do conflito entre determinação e subjetividade, abordando um sujeito verdadeiro, para além da alienação especular.

### O ASPECTO MUNDANO DA ARTE NO “RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA”, DE OSMAN LINS, À LUZ DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Cacilda Bonfim  
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

**T**raçar um paralelo, ao meu ver inédito, entre um conto de Osman Lins e algumas reflexões da pensadora alemã Hannah Arendt é a meta basilar deste empreendimento acadêmico, cujo desafio se faz como convite a penetrar o caráter da mundanidade da arte enquanto categoria política. Do “Retábulo de Santa Joana Carolina”, traz-se a labuta da mulher nordestina consagrada literariamente por sua lida em mundo inóspito que se torna âmago da denúncia do paradoxal cenário social brasileiro. Já de Arendt, evoca-se sua análise sobre o fenômeno político no que tange a construção de um mundo comum que imortalizado por ações se constrói como obra de arte do pensar. O entrecruzamento dos dois autores, resguardadas todas as suas diferenças, desperta a compressão que a dor muda e inarticulada, das “Santas Joanas Carolinas” nos instiga a revelar que, para além de qualquer finalidade específica da obra de arte, o que ela representa é a nossa permanência em um mundo comum, marcado pela pluralidade humana.



## VIRTUDES E PECADOS: A BALANÇA DA TRADUÇÃO EM O “RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA”

Cacio José Ferreira  
Universidade Federal do Amazonas

**T**raduzir um texto de Osman Lins é tecer virtudes e pecados. A beleza do texto, a palavra escrita por meio do fio de prumo, a tessitura densa e racional são elementos que compõem a virtude de traduzir uma narrativa de Osman Lins. É como se no traduzir do texto osmaniano existisse “um Anchieta pregando, com alegria e desespero, o seu evangelho” (LINS, 1979, p. 7). A dificuldade exige uma preparação constante do tradutor em busca de uma compreensão mais justa da escritura. Nesse mesmo caminho, os pecados também se avolumam. O ímpeto da compreensão não repensada pode levar o texto traduzido para direções inesperadas. Assim, conforme o artigo de Osman “Em Defesa do Tradutor, Traidor e Vítima”, publicado em 1977, a improvisação, “a carência no plano econômico e no plano material” constituem fendas que remetem ao pecado da tradução. Mediante essas afirmações, o presente trabalho evidenciará a força do escritor no mundo e sua responsabilidade perante a urdidura da escrita em o “Retábulo de Santa Joana Carolina” e como o tradutor adentra nessa caverna escura da escritura osmaniana, como ele percebe (e traduz) esse jogo textual e medeia o voo de um pássaro em uma sala sem janelas, apenas com frestas, pensando o tempo e as evoluções sociais na língua de partida e de chegada, pois “na tradução o original evolui, cresce, alcançando-se uma atmosfera por assim dizer mais elevada” (BENJAMIN, 2001, p.201).

## UMA LEITURA DE “PERDIDOS E ACHADOS” SOB O PRISMA DA NARRATIVA BÍBLICA DO SACRIFÍCIO DE ISAAC: O NOVELO DA EXPERIÊNCIA TEOFÂNICA E O ENTRECHO DO CAOS PRIMORDIAL

Fernando Antônio Dusi Rocha  
Universidade de Brasília. Pesquisador

**A** riqueza de elementos de aproximação e de ferramentas interpretativas propiciadas pela narrativa de Osman possibilita interceptar o exercício hermenêutico da períclope do *Gênesis* 22, 1-19, que cuida da fábula do sacrifício de Isaac — transposta à teoria literária como texto seminal da cultura ocidental, por Erich Auerbach. Tanto a leitura de “Perdidos e achados” como a da passagem do livro do *Gênesis* — aqui analisadas como *poiesis* — permitem reconhecer que nenhum texto, nem mesmo o bíblico, encarna o fato narrado ou a situação que testemunha: apenas medeia o processo de transformação da realidade através da literatura. A confluência dos dois textos só é possível se for superado o erro hermenêutico que impõe a leitura intramuros das Escrituras, negando-lhes a face literária. O cotejo das duas narrativas propõe relacionar o paradoxo da fé, na experiência teofânica de Abraão, com o apelo inelutável do acaso e da fatalidade, na reminiscência do caos pré-genesíaco insinuado por Osman. Mediante essa articulação pretende-se ampliar as perspectivas da tarefa hermenêutica da narrativa osmaniana e tornar viável e consistente o enfoque literário da Bíblia, fugindo-se dos rigores da gramática lida.

## TRAÇO, AÇO E OSSO: FORMA, RIGOR E MATÉRIA EM OSMAN LINS E JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Loide da Silva Chaves  
Universidade de Brasília. Mestre

**D**ecorridos cinquenta anos do lançamento de *Nove, Novena*, a justa celebração convida à festa um parente próximo, ali dos arredores de Pernambuco e de 1966: “A educação pela pedra”, de João Cabral de Melo, pode em confluência enriquecer as considerações a respeito do rigor com a palavra e do artifício da escrita a que Osman Lins, magistralmente, adere a partir de então. As proporções áureas, as formas geométricas, a menção ao conhecimento matemático são correlatas de um projeto de escrita que se quer percebido, ele mesmo, no próprio texto para além da ação da narrativa. Ambos os escritores, pernambucanos, contemporâneos, são representativos de uma poética que não reserva ao artista da palavra uma habilidade com sentimentos e combinações insuspeitadas. O que surge são figuras como operários, artesãos, engenheiros, com o imperativo do árduo trabalho do plano e do ordenamento. Em seus textos, embora em acabamento lapidar, o “material de construção” não passa despercebido, as texturas utilizadas que erguem a narrativa estão a compor, em simbiose, imagens e personagens, para que não se perca a presença do palpável. Osman Lins, em texto ensaístico, afirma que o escritor se distingue pela “capacidade de introduzir em sua obra o mundo sensível, a realidade concreta, o osso do universo”. Essa presença se dará pela menção a materiais - aço, madeira e pedra - que passam a ser metáforas complexas do ato de escrever. Em ambos os autores, “um pulmão de cimento e vidro” pulsa com sua constituição heterogênea num construto planejado, na quadratura perfeita do edifício cabralino e no engenho circular de Osman Lins (que é, em suma, “uma coisa em quatro, desgastada”), para nos abrir “portas por-onde”. Da passagem da simbiose à metamorfose, assiste-se ao desenho de uma natureza dupla, plasmada em elementos heterogêneos. Um corpo, que já não é humano, é uma imagem mineralizada em pedra, um retrato fixado em tela, é matéria natural: madeira, pedra, aço, traço. O que se pretende na comunicação é contribuir para essa via dos sentidos demandados pelo texto de “Um Ponto no Círculo”, correlatos da existência concreta do homem - imagens, ruídos, odores, sabores e texturas - com especial atenção ao último, que, remetendo ao tátil, movimenta metáforas do próprio trabalho do artista, a “mão na massa”, a pena em punho, o fio (não a bala) na agulha: “a forma atingida/como a ponta do novelo/que a atenção, lenta,/desenrola,/aranha”.



## JÚBILO E ANIMALIDADE EM NOVE NOVENA, DE OSMAN LINS

Ludimila Moreira Menezes  
Universidade de Brasília. Doutora

**À** exegese cristã que assume e reverbera o conceito de pastoral como um gênero forjado desde histórias de laivos bucólicos, de placidez ou em uma instância empírica de ações missionárias da Igreja católica antepõe-se uma linguagem de ímpeto barroco às voltas com as mortes, a inaugural, do padrinho, e a derradeira, do narrador-personagem, bem como linhas de força que maculam o sítio da promessa e da parábola. Da radicalidade de uma narrativa que redimensiona os domínios do desejo humano se inscrevendo na tópica da bestialidade, de uma linguagem que investe em uma plasticidade sinestésica e que assume e apresenta a outridade animal, uma experiência ficcional que correlaciona paisagens costumeiras do interior e temas abissais como traição, morte, erotismo, ciúme, abandono e vingança. Essa comunicação pretende pensar a presença do binômio animalidade/desejo em *Nove Novena*, sobretudo na narrativa “Pastoral” e discutir a soberania poética do texto osmaniano desde o signo linguístico que aponta e reponta em suas múltiplas potencialidades ao viço radiante da composição imagética que torna àquela roça: os dilemas dos irmãos Baltasar, Domingos e Jerônimo, os registros de epifania e de comiseração, o sol do meio dia como um “galope de cem bodes brancos”, espaço concreto do êxtase, do amor e do fracasso.

## ALÇAR VÔO: UM LEITURA METARREFERENCIAL DE O PÁSSARO TRANSPARENTE

Marcos Eduardo Lopes Rocha  
Universidade de Brasília. Graduado

**O** pássaro transparente, narrativa que abre *Nove, novena*, é lido muitas vezes como a emersão das memórias familiares e amorosas de um homem, a partir da morte do pai. Proponho-me, nesta comunicação, demonstrar como os símbolos presentes na narrativa aludem a uma alegoria relativa à própria linguagem em suas mais complexas dimensões.

## O “GA(RO)TO” - A IMPOSSIBILIDADE DE “VOAR TRANSPARENTE”

Thomaz Antonio Santos Abreu  
Universidade de Brasília. Doutorando

**U**m silêncio andante e uma batida trovejante de calcanhares. Encontram-se aí: o orgulho silencioso de um gato, que não se deixa perceber devido ao som mudo dos seus passos e a altivez silenciosa de um garoto, que não se deixa perceber devido à mudez em sua própria resignação existencialmente fosca. Eis, portanto, dois seres de vida silenciosa, dois orgulhos silenciados, haja vista a surdez sobre os passos que dá o gato e a surdez sobre as palavras que enuncia o garoto. Neste sentido, a palavra “garoto” contém a palavra “gato”, ou seja, “ga(ro)to”, figurando-se as pisadas silenciosas do gato, as quais se tornam uma metáfora do projeto de si do garoto não efetivado por este quando adulto. Desta forma, identificam-se a vida do gato, visível e emudecida, e a vida do garoto, o qual derroga seu projeto de ruptura com o modo de ser familiar por haver internalizado uma personalidade capitalista e patriarcal. O homem, que, assim, coisifica a (inter)subjetividade, desfazendo-se do seu ímpeto de juventude e do seu projeto de liberdade, impossibilita-se de “voar transparente”, resignando-se no horror da carência de si.

## “CONTO BARROCO OU UNIDADE TRIPARTITA”: UMA POÉTICA DO ICONOTEXTO

Vanessa Pereira Cajá  
Universidade de Brasília. Mestranda

**E**ste trabalho busca analisar os limites entre a palavra e a imagem em “Conto Barroco ou Unidade Tripartita”, de Osman Lins, numa relação icônica de diluição e de emulsão, em que o escritor pernambucano revela-se como colecionador. O enredamento de imagens e significados no macrocosmo de *Nove, Novena* configura uma estética heterogênea que atesta a proposta de Lins de usar os outros meios de expressão artísticas como elementos que interagem com a narrativa, o que acaba por dar vazão a uma obra constituída de monumentalidades.



## **EIXO TEMÁTICO**

### **UM PASSEIO NO COQUE**

#### **REALIDADE E FICÇÃO EM OSMAN LINS**

**Pedro Henrique Couto**  
Universidade de Brasília. Doutorando

**D**a arquitetura ficcional do escritor brasileiro Osman Lins (1924 - 1978) consta uma visão *sui generis* da relação entre trabalho artístico e realidade. O elo entre literatura e realidade perpassa sua obra como uma das preocupações fundamentais do ato de escrever e da formação política do escritor. O objetivo deste trabalho é examinar o último romance de Lins, *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de 1976, em uma hipótese de leitura que examine o intercurso ficção e realidade. Para isso, baseamo-nos na análise e comparação de uma das fontes intertextuais utilizadas pelo escritor em seu romance: a extinta revista brasileira *Realidade*. Importa-nos destacar o processo criativo pelo qual Lins transfigura o teor factual dos dados históricos e jornalísticos da sociedade brasileira da década de 1970 (nomeadamente, o problema da pobreza, da migração rural/urbana, da indústria cultural) em matéria literária a fim de narrar a história de Maria de França.

#### **“TUDO, ANTES, FOI PREPARAÇÃO, ESPERA, RAPINAGEM”: JULIA MARQUEZIM ENONE, LEITORA E ESCRITORA DE A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA**

**Renata Rocha Ribeiro**  
Universidade Federal de Goiás

**P**or meio da leitura de *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (1976), de Osman Lins, observamos que este romance, nas figuras de Julia e do professor, é uma defesa apaixonada não só da leitura, mas também da escrita e da autoria. Quanto à escritura de Lins, observamos que o romance citado, como indica o próprio autor em entrevistas, propiciou a ele e a sua produção narrativa uma mudança de ares. É travestido, em certo nível, de romance tradicional, posto que seu enredo, seu tempo e seu espaço, pensando na narrativa do professor, não são assimilados com grande dificuldade. Entretanto, apesar de sua aparente simplicidade, o discurso do professor é bastante erudito. Nesse sentido, a tendência osmaniana ao enigma e ao ornamento não se revela explicitamente no nível do significante, mas na conjunção dos significados, na problematização dos processos narrativos por meio de uma narrativa falsamente simples, mas que se questiona o tempo todo, revelando os seus mecanismos de funcionamento. A partir de tais constatações, o objetivo deste trabalho é perceber como Julia

Marquezim Enone se comporta como leitora e escritora no romance de Lins. Para tanto, não nos furtaremos de comentar algumas nuances do professor como leitor. Ademais, utilizaremos, como embasamento teórico-crítico, as considerações do próprio Lins (1974), Hutcheon (1991), Dällenbach (1997), Eco (2008), entre outros.

#### **A INVISÍVEL BALANÇA DE A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA: O PESO DOS NÚMEROS E A LEVEZA DOS NOMES**

**Sebastiana Lima Ribeiro**  
Universidade de Brasília. Doutoranda

**E**m *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, a importância concedida à escrita ganha peso na medida em que o professor-narrador progride na confecção do seu diário. Ele trabalha dois anos em estudos do manuscrito de Julia Marquezim Enone, seccionando-o em cinco partes ou capítulos. A composição do ensaio que executa equilibra o artifício da nomeação e o peso de uma estrutura numeral em que se insere. É sobre esse ponto nevrálgico entre o verbo e o número, entre o imensurável e o finito que buscaremos discorrer.

#### **DOS FRAGMENTOS AO OBJETO UNO: A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA**

**Thayla Crisrhana Martins Pereira**  
Universidade de Brasília. Mestranda

**O**sman Lins em seu último romance publicado, *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (1976), elabora um personagem de atuação complexa. O Professor, como é nominado na obra, lança-se na tarefa de refazer a vida de sua amada morta, Julia Marquezim Enone, através da análise de um livro não publicado da escritora, homônimo ao romance de Lins. Salta aos olhos nessa obra a presença de fragmentabilidade que permeia todo o texto em dois principais níveis: no acesso fracionado ao manuscrito de Júlia Enone perpassado pela fala do Professor e na forma como Osman Lins organiza o romance utilizando-se do gênero diário. Entretanto, essa fragmentabilidade converge para a construção de um uno – como a formação do espantalho no romance, figura composta por fragmentos de vinte e sete personagens do livro de Julia M. Enone. Pretendo, nessa comunicação, deter-me em alguns aspectos da construção literária que antecedem a edificação (como na arquitetura, à luz de Leon Battista Alberti, a reunião de materiais) e que, n’*A Rainha dos Cárceres*, aparecem de forma desvelada, já que Osman Lins transpõe para o personagem Professor seu próprio método de composição literária. Assim, estabelece-se um sistema em que o Professor diz de Júlia enquanto escritora ao escrever sobre seu romance como Osman Lins diz de si enquanto escritor ao escrever *A Rainha dos Cárceres da Grécia*.



## EIXO TEMÁTICO

### ECLIPSE E NARRATIVA: CONJUGAÇÃO FELIZ DE CIRCUNSTÂNCIAS

#### A REPRESENTAÇÃO DO ECLIPSE DE 1966 EM AVALOVARA

Leny da Silva Gomes

Centro Universitário Ritter dos Reis

Os oito temas que compõem *Avalovara*, o tema R – ☉ e Abel: Encontros, Percursos, Revelações desafia sobremaneira o leitor em razão de sua composição seriada em que se justapõem fragmentos de dez micronarrativas, ou unidades temático-compositivas. Os 22 capítulos do tema, que é a abertura do romance no R1, se tecem no enlace dessas séries que podem ser identificadas, de acordo com o motivo de cada uma, como segue: O eclipse; Passeio pelo centro de São Paulo; O carrossel – Praia Grande; O enterro de Natividade; Diálogos sobre opressão; Manchetes jornalísticas; Reflexões sobre a ficção; A viagem e o rio; O lólipó; O cais em T – Praia de Ubatuba. As séries mantêm relações entre si e com o todo do romance Entretanto, a composição de cada uma dessas séries é peculiar, remetendo a uma mistura de gêneros, de estilos, e a reflexões sobre o fazer poético. Dentre essas séries, aqui interessa examinar a do eclipse que traz registros do alinhamento dos corpos celestes Sol, Lua e Terra, ocorrido em 12 de novembro de 1966, visível a partir da praia do Cassino no Rio Grande do Sul. O espaço cósmico foi objeto de observação científica com participação e repercussão internacionais. Alguns dados desse processo são representados no romance tal qual registrados nos meios de comunicação, motivando algumas indagações. Que se pode inferir da utilização de fatos científicos, com seus referentes localizáveis e dados identificáveis, na história narrada? De que forma a afirmativa do autor “[...] a tensão entre frase e significado, a vibrante e interminável oscilação entre o texto e o mundo, que é a marca da verdadeira obra literária [...]” (LINS, *Guerra sem testemunhas*, 1969, p. 74) repercute no imbricamento da representação dos fatos observados e veiculados cientificamente com o projeto de arte do autor, que reafirma: “O que eu quero dizer, quando falo em nitidez, é uma maneira direta de expressão, visual, imediata, referencial também, talvez até principalmente?” (LINS, *Evangelho na taba*, 1979, p. 213). O registro dos fatos “verdadeiros” do domínio da ciência é capturado pela arte a contrapelo das certezas, provocando o emergir de questionamentos, provavelmente sem respostas, a respeito da verdade, da percepção, da representação. Nesse jogo, as diferentes formas de expressão, ao contrário das aparentes oposições, de fato infiltram-se, uma invadindo o campo da outra, pondo a verdade sob suspeita.

## A PERFEIÇÃO DAS TRIÁDES NUMÉRICAS: INÍCIO E FIM, FOZ E CONFLUÊNCIA EM NASCIDA E NASCIDA E A BEATRIZ DE DANTE

Luciana Barreto Machado Rezende

Universidade de Brasília. Doutoranda

Soma-se à cosmovisão medieval e ao uso de figuras alegóricas a inspiração de Osman Lins na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, no que diz respeito a uma profunda reflexão sobre a linguagem e suas formas de expressão literária, a partir da concepção estrutural, rigor numérico, esquema poético métrico e harmônico. Uma importante intersecção entre *Avalovara* e a *Commedia* está na simbologia que o número nove assume. São nove os círculos dantescos que estruturam tanto o Inferno quanto o Paraíso, bem como nove as esferas celestes e os arcos angélicos. Toda a composição do poema florentino é ternária – três partes, cada uma com 33 cantos, seccionados em estrofes de três versos, sempre com 33 sílabas. Para Pitágoras, o número perfeito, por reunir começo, meio e fim, e, portanto, representar a própria divindade. E o nove deriva exatamente de um triplo ternário. A Beatriz, horizonte existencial e amoroso de Dante, sempre foi acompanhada do número: o poeta a viu pela primeira vez aos 9 anos de idade, pela segunda aos 18. A Mulher-Palavra nasce de si mesma aos nove anos após sua queda elevador abaixo a partir de um velocípede de três rodas, queda essa que se dá em um fosso que, a um só tempo, fascina-a e a aterroriza, ambiente análogo à desoladora representação do Inferno dantesco. Além das nove partes que compõem o Inferno e o Paraíso, a jornada dantesca, da selva escura à redenção divina, perfaz nove dias. Em *Avalovara*, também são três os ‘reinos’ de ascensão amorosa e existencial de Abel – Roos, Cecília e ☉. A exemplo do ambiente adverso e aflitivo da Cidade de Dante, mostraremos como, nesse entrecruzamento simbólico estruturado segundo as tríades numéricas, assume especial relevo a ambivalente e dual figura de ☉, de si mesma nascida, após uma emblemática queda no fosso do elevador de um decadente edifício – a partir da qual a palavra passa a instituí-la e a inscrevê-la, de modo incontinente, combativo no mundo, fazendo-se, simultaneamente, ctônica/infernal e edificante/redentora.

#### O HOMEM FRENTE AO COSMOS NO ECLIPSE EM AVALOVARA: INTEGRAÇÃO COMO PRENÚNCIO DA ECOCRÍTICA E DA ECOLOGIA ACÚSTICA

Martha Costa Guterres Paz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Em *Avalovara*, o aparentemente encontro fortuito entre Abel e ☉, na praia do Cassino em Rio Grande, em 1966, durante o eclipse do sol, sugere um instante inserido num contexto em que as imponderabilidades do livre arbítrio se sujeitam, dentro de limites não bem definidos, aos ditames da natureza. Homem e cosmos interagem, se complementam como entes inseparáveis e constituintes de um mesmo universo, cujas leis valem para todos indistintamente. O relógio de Julius Heckethorn, com suas complexas combinações de trechos musicais da Sonata em fá



menor (K462), de Domenico Scarlatti, sintetiza a fusão de dimensões correlacionadas: o tempo, representado pela espiral, está presente em todos os relógios mecânicos, e o espaço, reproduzido no palíndromo de Loreius. Sob essa perspectiva, a sincronia entre homem e natureza, tal qual a síntese do casal de amantes com o tapete paradisíaco com seus pássaros, répteis, árvores e rios, remete ao conceito atual da ecocrítica que percebe o homem, não como um ente distinto e hierarquicamente superior a controlar a natureza e provido por esta, mas, principalmente, como um sujeito integrado e, da mesma forma que as demais entidades que a compõem, submetido às suas implacáveis leis. Descobrir seus segredos passa por um processo de iniciação pela compreensão das palavras e que leva integralmente à libertação dos amantes. Entender o cosmos requer a obtenção do conhecimento e a fusão com o todo, da mesma forma que a ecocrítica preconiza a indissociabilidade entre o ser humano e o ambiente que o cerca. O romance explora o contraste entre macrocosmos e microcosmos com todas as suas implicações, ao mesmo tempo que revela os caminhos que os personagens percorreram para chegar ao clímax: homem e mulher se encontram num evento cósmico para consolidar um amor sublime, carnal e espiritual, que culmina no encontro do paraíso intocável, na natureza pura e transcendente do tapete. A narrativa explora o choque entre sonoridades naturais, musicais e os ruídos de uma sociedade em franco desenvolvimento tecnológico, atraindo o leitor para uma reflexão sobre a ecologia dos sons. Este artigo faz algumas indagações e reflexões acerca da relação de Avalovara com a ecocrítica e de como Osman Lins, de alguma forma, teria se antecipado não intencionalmente, aos conceitos e princípios desse movimento literário, bem como das ideias do músico canadense Murray Schafer sobre a ecologia acústica e a paisagem sonora.

## EIXO TEMÁTICO

### O TEXTO OSMANIANO: MAQUINAÇÕES COM AS PALAVRAS

#### OSMAN LINS NA TV: ANÁLISE NARRATOLÓGICA DO CONTO “A ILHA NO ESPAÇO”

**Adriano Portela**

Universidade Federal de Pernambuco. Mestrando

**E**ste ensaio tem como objetivo investigar as técnicas narratológicas empregadas na produção do conto “A Ilha no Espaço”, do escritor pernambucano Osman Lins. A ideia fora esmiuçar narrador, capítulos, personagens, cenários, ações e elementos psicológicos da trama. A narrativa é dividida em doze capítulos e tem doze personagens, sendo um deles, o Edifício Capibaribe, localizado na Rua da Aurora, um dos cartões postais do Recife. Ela foi escrita em amplos intervalos de tempo, com início na década de 60 e publicado em 1978, pela “Summus Editorial”. Um ano depois a obra foi adaptada para a TV, sendo exibida no programa “Casos Especiais” da Rede Globo. O pernambucano afirma ter sido o primeiro ficcionista brasileiro a escrever direto para o formato televisivo. No decorrer da análise vamos recorrer a alguns autores para um maior esclarecimento sobre determinados pontos. Ricardo Piglia e o argentino Júlio Cortázar contribuirão no quesito produção do conto; Roland Barthes e James Wood, na área do romance; e o próprio Osman Lins, no processo de criação da sua narrativa, abordando também o papel do escritor na sociedade. Pretendemos, ao investigar o conto em questão, constatar que, para um texto em seu produto final estar bem escrito, bem estruturado e amarrado, é preciso que o autor esteja numa constante dedicação com o ato da escrita, tratando com seriedade e respeito o ofício do escritor. Segundo Osman Lins, só escrevendo o autor é capaz de aferir valores e revisar conceitos.

#### A HERANÇA DE UM OLHAR TÉCNICO PRIMITIVO: AS MARCAS DA TIPOGRAFIA EM OSMAN LINS

**Ana Luiza Andrade**

Universidade Federal de Santa Catarina

**A** tipografia, nova faceta midiática do mundo na segunda guerra mundial, a “tinta negra” contemporânea de anúncios, revistas ilustradas, cartazes, que aparecem num início de iconização que se alastrava mais naquele então, teve como representação um grupo pernambucano de resistência, porque voltado para o artesanal, e que foi pioneiro no Brasil, do qual Osman Lins participou: O Gráfico Amador, surgido nos anos 50, seus membros, artistas, poetas e escritores



se tornaram bem reconhecidos, e deixaram marcas singulares a partir daí. O trabalho busca mostrar algumas destas marcas que uniram a palavra à imagem, e em particular as deixadas por Osman Lins, em várias de suas produções literárias desde *Guerra Sem Testemunhas*, *Nove, Novena, Avalovara* e *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. Observo ainda, como vestígios do que considero uma herança de olhar “técnico primitivo”, termo usado por Beatriz Sarlo em suas leituras benjaminianas, alguns espelhismos, jogos de palavras, de letras, signos gráficos, (des)montagens geométricas e ornamentais singulares.

### **AVALOVARA: CONTRA-ESTRATÉGIA SENSUAL ENTRE ARMAÇÕES ABSTRATAS**

**Breno Couto Kümmel**

Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrando

**M**esmo imersos no desgaste decorrente do excesso de produções publicitárias que capitalizam em cima dos estímulos mais básicos do ser humano, a questão da sexualidade resiste em sua principal parte como tabu social, sendo possivelmente o único caso em que a literatura se mostra mais atrás dos costumes do que a normalidade. Escrever o sexo permanece como obstáculo frequentemente tido como intransponível, não-recomendado para iniciantes e mesmo iniciados: para tal, basta a fama fácil e merecida do Bad Sex Award, ridicularizando o fracasso de certas tentativas. Imagina-se com frequência que o ímpeto literário acesse uma parte da existência humana diferente que o da sexualidade: a primeira abstrata, verbal, fantasmática, e a segunda, corpórea, dos gestos e da presença. *Avalovara*, provável ponto culminante do formalismo composicional da literatura brasileira, em diversas cenas e diversas maneiras demonstra como esta noção confunde um desafio com uma impossibilidade. Pretende-se com essa fala um breve delineamento dessa questão, partindo de tentativas de diversos outros autores (como William Gass e Philip Roth), de diferentes visões de literatura, para elucidar com algum detalhe esteticamente contextualizado como se deu o sucesso de Osman Lins.

### **O RISO COMO CATALISADOR DA VIOLÊNCIA EM “LISBELA E O PRISIONEIRO”**

**Elizabete Barros de Sousa Lima / Francisco Alves Gomes**

Universidade de Brasília. Doutorandos

**A** margem dramaturgicada produção osmaniana bordeja o tecido literário, apontando o riso e a violência como elementos geradores de significação. Em “Lisbela e o Prisioneiro”, o humano manifesta-se, segundo Mikhail Bakhtin, como umas das formas mais visíveis de familiarização do mundo por meio do riso e da fala popular. Este trabalho procura os índices de universalização da vida como sinônimo de carnavalização, de liberdade de expressão, em que não há separação entre os discursos da vida e os da arte. Na peça teatral de Osman Lins, a violência do discurso

e o tom das palavras são os principais condutores ao riso, rebaixando o outro e demonstrando, em particular, o momento do jogo dramático, objetivando à contrapartida cômica e violenta no jogo carnalizado. O objetivo risível, no cenário nordestino osmaniano, diz algo sobre o mundo, expõe uma opinião, procurando a mudança da estrutura social; ao utilizar as imagens de coroação e, posteriormente, o destronamento da estrutura social encenada.

### **AVALOVARA (1975), DE OSMAN LINS: A ESPIRAL-QUADRADO COMO METÁFORA DA TRADUÇÃO**

**Germana Henriques Pereira**

Universidade de Brasília

**T**rata-se de refletir sobre a tradução francesa, de Maryvonne Lapouge, ao *Avalovara* (1975), de Osman Lins, a partir dos paratextos da obra traduzida, e também a partir da visada crítica de Lapouge sobre a obra. A tradução parece já encenada no projeto de criação da obra: a dialética do quadrado e da espiral representando a finitude e a infinitude do espaço-tempo, assim como da criação artística, da temporalidade e da atemporalidade, do possível e do impossível, do definido e do indefinido, em que ambas as formas, quadrado e espiral, se unem numa relação (im)possível para dar forma a uma obra única. Não seria essa relação dialética a metáfora mesma da tradução? Tradução num horizonte do possível, porque necessária, e, simultaneamente, impossível, porque é perda e melancolia. Para Benjamin ([1923] 2008), a tradução é, antes de tudo, forma. Mas é também uma possibilidade de aproximação entre as línguas, num desejo mítico, bíblico, do reencontro da *Reine Sprachen*, ou “pura língua”. Numa de suas muitas metáforas presentes n’*A tarefa do tradutor* (Benjamin, 2008), para representar a tradução e sua relação no mínimo conflituosa com o original, Benjamin vê a tradução como um vislumbre, entre a forma original de um vaso, na sua integridade primeira, e antes de sua queda, no esfacelamento dessa forma, a imagem da tradução, recolagem de pedaços, forma (im)perfeita, porém que dá a ver, no intermédio entre a forma primeira e a queda, o vaso reconstituído. Assim seria, pois, a tradução – cópia (im)perfeita, mas que busca imitar a forma do original. Criando a obra de arte, Lins reflete sobre a criação literária, “maquinismo montado”, “livro que não tem medo de se relevar como livro” (CANDIDO, 1995), assim como Benjamin, quando fala do verbo e da língua primeira. Podemos dizer que ambos falam de tradução, já que esta é processo e inacabamento, efemeridade, e, todavia, é também criação artística, e como diria Campos (1967), é também como criação, uma crítica à obra original e a todas as obras como possível e impossível. A tradução é efêmera, mas o original não. Embora o seja, ela não deixa de existir, e desafia o próprio tempo, como viagem, passagem, transitoriedade e permanência (pela necessidade humana).



## A MATERIALIDADE DO OFÍCIO LITERÁRIO PARA OSMAN LINS

Izabella Verônica Cardoso da Costa  
Universidade de Brasília. Mestranda

A comunicação propõe explicar a compreensão do escritor pernambucano Osman Lins (1924 – 1978) a respeito do lugar ocupado pelo ofício literário nas relações sociais e de trabalho. Desenvolver-se-á uma análise de questões centrais para Osman Lins acerca do trabalho criativo. Entre essas questões, destacam-se, em sua obra ensaística, as referentes à materialidade do ofício de escrever, à preocupação ética demandada pela potência da criação literária e ao espaço da literatura diante do cenário de difusão dos meios de comunicação em massa. Far-se-á a síntese do posicionamento assumido por Lins em ensaios de *Do ideal e da glória* (1977) e *Evangelho na Taba* (1979), e também de algumas escolhas em sua obra literária, a qual mantém em equilíbrio o experimentalismo formal e o interesse pelas questões do gênero humano. O desenvolvimento que aqui se propõe justifica-se pela contemporaneidade da discussão proposta por Osman Lins, que, em muito, é coerente com o nosso tempo, no qual acompanhamos a crescente decadência ideológica da produção artística. Comprovar-se-á que Lins defendeu sempre a figura do escritor como um participante dos acontecimentos do seu tempo, do escritor como um homem que segue em frente cumprindo, vigilante, seu ofício, sua missão, seu evangelho.

## AVALOVARA: DAS COXIAS DE UMA TRADUÇÃO ESPIRAL-QUADRADO

Lorena Torres Timo  
Universidade de Brasília. Mestre

A fim de pôr em pauta o dialético ofício da tradução, tratamos, aqui, de direcionar o olhar para a perspectiva dos bastidores da meandrosa transcrição de *Avalovara* para o inglês. Por meio dos documentos selecionados no Arquivo Osman Lins e com base nos textos e entrevistas publicados que abordem diretamente a tradução de *Avalovara* assinada por Gregory Rabassa, propomos, nesta comunicação, um apanhado geral dessa tradução e de seu contexto. Baseamos, portanto, nas informações triadas das correspondências trocadas entre Osman e Rabassa, entre 1975 e 1978, e também de um documento escrito pelo autor com diretrizes gerais para a tradução de *Avalovara*. Tais documentos valem de auxílio fundamental para a análise das traduções por testificarem e revelarem os bastidores do processo tradutório, bem como os artifícios osmanianos na tessitura de seu tapete-obra (é pertinente afirmar: aos tradutores, Osman confiou algumas chaves a mais para a abertura de seus segredos). Logo, trata-se de levantar os aspectos que descrevem essa tradução como um todo: da parte do autor, suas solicitações gerais; da parte do tradutor, suas estratégias gerais. Em adição, serão apresentados alguns excertos comparativos entre tradução e original, para melhor representarmos os (des)encontros, percursos e revelações resultantes desse processo tradutório.

## UM MERGULHO QUE PRECEDE O SALTO

Ricardo Andrade  
Universidade de Brasília. Mestrando

O trabalho será uma reflexão sobre a escrita de Osman Lins, fundamentado em *Guerra Sem Testemunhas* e algumas obras utilizadas pelo autor na produção deste livro. Será destacada a recorrência do caráter expansivo da escrita, desde o conceito de autoria, utilizado pelo autor, às considerações sobre a difusão do livro e da leitura. Uma meditação sobre o caráter de inesgotabilidade interpretativa, a liberdade e as rupturas de limiares. A obra literária e seu caráter mágico, vivo, análogo a tudo que vive e à expansão do Universo. A dialética da forma e do conteúdo. A ressonância na obra de aspectos que envolvem Crítica Literária, Estética e História da Arte. O aprofundamento crítico, um mergulho necessário ao salto inovador.

## “APONTA”-MENTOS DE DESAMPARO EM PERSONAGENS OSMANIANAS

Roberto Medina  
Universidade de Brasília. Doutorando

Na contemporaneidade, a multiplicidade de corpos sociais instaura rizomas de afetos; sobremodo, sujeitos que perfuram ou são excluídos dessa malha podem insurgir-se ou amedrontar-se. O circuito de medo e de paralisia constrói muradas sitiadoras dos viventes. Este trabalho busca apontar o signo do desamparo nas personagens osmanianas “Maria de França” (*A Rainha dos Cárceres da Grécia*) e “Baltasar” (“Pastoral”) no empasse entre afetos e corpo político. Nas narrativas, tais personagens figuram a aporia gerada pela solidão e pela angústia na procura de alento que subterfuja os labirintos da burocracia ou os entrecaminhos da figura patriarcal.

## SIMBOLOGIA EM AVALOVARA

Victor Hugo P. de Oliveira  
Universidade de Brasília. Mestrando

No intuito de apresentar uma breve análise de alguns símbolos presentes em *Avalovara*, fez-se necessário uma rememoração dos estudos que envolvem a área da simbólica, intertextualidade e da própria teoria literária. Com relação à teoria literária, fez-se necessária uma pequena pesquisa em cima de uma teoria literária que dialogue com alguns dos pressupostos teóricos da psicologia analítica enquanto esta faz uma interface com os estudos herméticos, como é possível observar na obra do médico e psicólogo Carl Gustav Jung. Assim, esta comunicação pretende explicitar, brevemente, alguns dos vários símbolos presentes em *Avalovara* e as suas possíveis referências à alquimia, geometria e outras áreas que possuam um lado hierático.



## OUVINTES

### 1. Helaine Cristina Sales Nascimento

Faculdade fortium/ graduada letras

E-MAIL: [laineamj@gmail.com](mailto:laineamj@gmail.com)

TELEFONE: (061)93522677

### 2. Marcos Vinicius

Caetano da Silva

E-MAIL: [marcostata007@msn.com](mailto:marcostata007@msn.com)

TELEFONE: [6134910832](tel:6134910832)

TELEFONE: 6181623643





**NÚMEROS  
E NOMES:**  
O JÚBILO DE ESCREVER



ORGANIZAÇÃO

SATOR  
AREPO  
TENET  
OPERA  
ROTAS

GRUPO DE ESTUDOS OSMANIANOS

Organização:

**Grupo de Estudos Osmanianos**

Poslit – TEL/UnB

Apoio:

